

**Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas  
compartilhadas em uma pesquisaformação**

*Conocimientos, experiencias y afecciones en narrativas biográficas (auto) compartidas  
en una formación de investigación*

Joelson de Sousa Morais  
Inês Ferreira de Souza Bragança  
Guilherme do Val Toledo Prado  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**  
Campinas/SP-Brasil

**Resumo**

Este texto que foi tecido em uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, no ano de 2020, com cinco professores/as de diferentes regiões do país, traz escritas narrativas partilhadas em encontros virtuais no *Google Hangouts*. O objetivo é: compreender como se constitui as aprendizagens, afetos e conhecimentos científicos compartilhados em experiências de escritas narrativas (auto)biográficas em uma *pesquisaformação*. Pauta-se pelos dispositivos metodológicos: diário de pesquisa e escritas narrativas, refletidas à luz da memória (auto)biográfica, compreendendo as fontes de pesquisa pela hermenêutica da temporalidade e narratividade em Paul Ricoeur (2010). Os resultados elucidaram que as escritas narrativas dos sujeitos, tem se revelado potencialmente significativas reverberando-se em expressões de subjetividade, sensibilidade e afetuosidade, constituindo-se em aprendizagens, conhecimentos e formação.

**Palavras-chave:** Escritas narrativas (auto)biográficas. Experiência formadora. *Pesquisaformação*.

**Resumen**

Este texto, que se tejió en una investigación narrativa (auto) biográfica, en el año 2020, con cinco docentes de diferentes regiones del país, trae escritos narrativos compartidos en encuentros virtuales en *Google Hangouts*. El objetivo es: comprender cómo los aprendizajes, afectos y conocimientos científicos se constituyen en experiencias de escritos narrativos (auto) biográficos en una formación investigadora. Se guía por dispositivos metodológicos: diario de investigación y escritos narrativos, reflejados a la luz de la memoria (auto) biográfica, que comprenden las fuentes de investigación a través de la hermenéutica de la temporalidad y la narratividad en Paul Ricoeur (2010). Los resultados esclarecieron que los escritos narrativos de los sujetos han demostrado ser potencialmente significativos, reverberando en expresiones de subjetividad, sensibilidad y afecto, constituyendo aprendizaje, conocimiento y formación.

**Palabras clave:** Escritos narrativos (auto) biográficos; Experiencia formativa; Formación investigadora.

## Introdução

De um universo constituído de incertezas à produção de uma reflexão e prática transformadoras e emancipatórias de experiência, aprendizagem e *pesquisaformação*<sup>i</sup>. Eis que por meio dessa perspectiva fomos tecemos saberes partilhados nesse período de pandemia, mediados por encontros coletivos na tessitura de narrativas (auto)biográficas em diálogos com outros/as tantos/as professores/as pesquisadores/as narradores/as.

A proposta desse texto, surgiu, portanto, de uma *experiência formadora*<sup>ii</sup> desenvolvida em encontros virtuais por meio de um ciclo de estudos que criamos para resistir e re-existir ao contexto de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, iniciada no ano de 2020 e, assim, empreendermos outras possibilidades partilhadas coletivamente com narrativas que foram sendo produzidas por diferentes sujeitos situados em várias partes do Brasil.

O grupo que criamos nesse período de pandemia para desenvolvermos aprendizagens, reflexões e formação de forma coletiva e compartilhada virtualmente foi denominado de *Ciclo de Estudos: pesquisaformação narrativa (auto)biográfica em tempos de coronavírus (CICLOPE)*, que faz parte do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação Polifonia (UNICAMP/UERJ)*, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP)<sup>iii</sup> e ao Grupo de Pesquisa Vozes da Educação (UERJ/FFP).

Nesse ciclo de estudos, praticamos uma reflexividade (auto)biográfica,<sup>iv</sup> dando centralidade à múltiplas possibilidades de construção de conhecimentos e para além disso, percebemos a potencialidade desses encontros ao desenvolver outras dimensões sensitivas e contemplativas do ser humano, como sensibilidade, criatividade, emocionalidade, afetuosidade e outras tantas perspectivas fundamentais ao processo de humanização que fomos praticando, como professores/as pesquisadores/as narradores/as.

Já que “[...] a experiência de narrar está em vias de extinção” como tão bem salientou Walter Benjamin (2012, p.213), empreendemos uma ousada aventura de aproximar pessoas, mesmo que virtualmente, para tecermos uma multiplicidade de partilhas coletivas de conhecimentos, experiências, afetos e narrativas (auto)biográficas no encontro consigo e com o outro, permitindo a consolidação de aprendizagens significativas em um momento tão caótico e conturbado como este da pandemia da Covid-19 que nos impactou fortemente. E, portanto, a esperança lançou-se como uma via de resignificação do vivido e experienciado pelo encontro.

O presente texto é tecido em uma abordagem qualitativa, primando pela *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação. Assim, desenvolvemos um relato de experiência em que evocamos memórias e histórias de si e dos/as outros/as professores/as pesquisadores/as, refletindo e produzindo outras formas de existencialidade e construção de conhecimentos científicos, regado a reflexões, debates, afetos e sensibilidades em narrativas escritas dos itinerários formativos os quais fomos trilhado entre os meses de abril a outubro do ano de 2020, em encontros virtuais por meio do *Google Hangouts*.

Para construir as reflexões presentes nesse texto, primamos pelo entrelaçamento tridimensional entre os dispositivos metodológicos do/da: diário de pesquisa e escrita narrativa, tecendo os registros à luz de uma reflexão acerca do conceito de memória (auto)biográfica.

A proposta da *pesquisa-formação*<sup>v</sup> implica um processo de articulação entre a atividade de pesquisar e de formação que se dão simultaneamente pelo pesquisador em diálogo com os sujeitos participantes da pesquisa, os quais tomam consciência do percurso trilhado, efetuando significativas transformações e (auto)formação da experiência desenvolvida. Assim, ambos se formam e se transformam em partilha na atividade da pesquisa científica (JOSSO, 2010).

A potencialidade da narrativa (auto)biográfica como um dispositivo de *pesquisaformação* revela-se como meio privilegiado, contribuindo para a conscientização sobre os percursos trilhados, dando sentido e significado à nossa existência, evocando um conjunto de fatores que levam em consideração os processos formativos e de (auto)formação do sujeito em múltiplas perspectivas e com diferentes intensidades, propósitos e dimensões transformadoras.

Praticar uma reflexão de si e com o outro em grupos coletivos, se torna uma via indispensável para ampliarmos o leque de representações, entendimentos e aprendizagens plurais e significativas que possam recuperar a subjetividade em tempos cada vez mais aligeirados e que, muitas vezes, invisibilizam as singularidades presentes em cada pessoa, com sua carga potencial de valores, sentimentos e pensamentos que são relevantes para a formação pessoal e profissional.

## *Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisaformação*

Tendo em vista, os constantes desafios que temos enfrentado na sociedade atual, caracterizada por uma pandemia que assolou o mundo e bloqueou as possibilidades do contato físico presencial com outros sujeitos, lugares e contextos, questionamos neste texto: Como se tecem conhecimentos, experiências e afetos por meio de narrativas (auto)biográficas compartilhadas em meio virtual no processo de uma *pesquisaformação*, envolvendo professores/as pesquisadores/as?

Para isso, pensamos como objetivo geral da pesquisa: compreender como se constituem as aprendizagens, afetos e conhecimentos científicos compartilhados em experiências de escritas narrativas (auto)biográficas em uma *pesquisaformação*. E como objetivos específicos buscamos: relacionar a escrita narrativa com o conhecimento de si na tessitura de uma reflexividade dos movimentos de uma *pesquisaformação* (auto)biográfica, bem como refletir acerca das implicações formadoras de uma pesquisa (auto)biográfica na construção do conhecimento científico.

O mergulho que fazemos para tecermos outras tantas reflexões e construção de conhecimentos neste texto é amparado teórica e epistemologicamente em autores do campo das narrativas (auto)biográficas, da *pesquisaformação* e da filosofia da linguagem com os contributos de: Josso (2010), Ricoeur (2010), Benjamin (2012), Passeggi (2016), Bragança (2012) e Bakhtin (2017), entre outros.

Nesse sentido, refletimos acerca da experiência em *pesquisaformação* de professores/as pesquisadores/as narradores/as na elaboração, compartilhamento coletivo e construção de conhecimentos mediados pela escrita narrativa (auto)biográfica, no contexto da pandemia, evidenciando, ainda, as dimensões do plano imaterial pela qual se manifestou o processo de narrar que é o da sensibilidade, emoção, afetos e criatividade, entre outros aspectos que a atividade narrativa propiciou e com a qual é apresentada com um maior aprofundamento nas linhas a seguir.

### **Percursos metodológicos de uma caminhada de *pesquisaformação* na pandemia**

Toda caminhada se faz e se refaz em processos de constituição de um norte, propósito e direcionamento, situando o sujeito em encontro consigo e com o outro, a fim de dar sentido à sua existência, experiência e *pesquisaformação* com a qual está desenvolvendo ou se propõe realizar, consolidando processos outros de produção de conhecimentos em suas trajetórias percorridas.

No anseio de produzir um conhecimento científico que pudesse dialogar com as incertezas, a diversidade, os múltiplos saberes que emergem do cultural e das práticas cotidianas dos sujeitos, pensamos que a tessitura de subjetividades pela experiência narrativa se torna uma via indispensável de reinvenção de uma emancipação social, consubstanciada por uma racionalidade estético-expressiva promotoras de epistemologias do sensível que faça sentido para a vida, a formação e a transformação do sujeito em suas multiplicidades (SANTOS, 2010).

A ideia de pesquisa-formação está subjacente a um processo de desenvolvimento da pesquisa científica em que o sujeito se forma e se transforma ao mesmo tempo em que está pesquisando, potencializando, assim, uma experiência (auto)formadora e dando centralidade à uma reflexividade (auto)biográfica mobilizadora de uma tomada de consciência dos percursos trilhados em relação ao que faz, pensa e entrelaça com os sujeitos participantes do estudo (JOSSO, 2010; PASSEGGI, 2016).

Preocupados e engajados no processo de formação de adultos, a proposta da pesquisa-formação surgiu nos inícios da década de 1980, no cenário europeu em países francófonos, no contexto do movimento da corrente de *histórias de vida em formação*, com os contributos de seus idealizadores Pierre Dominicé, Marie-Chistine Josso, Matthias Finger na Universidade de Genebra (na Suíça), e com Gaston Pineau na Universidade de Montreal (no Canadá) (JOSSO, 2010).

Buscamos, assim, nos percursos que trilhamos mediatizados pelos encontros do Ciclope a tecer outras tantas epistemologias formadoras, de aprendizagem e construção do conhecimento de modo a perceber as múltiplas nuances que foram delineando processos de singularização, que cada um pode revelar em suas narrativas escritas e fruto dos encontros que tivemos virtualmente.

Pesquisar no âmbito da abordagem narrativa (auto)biográfica desvela um conjunto de aprendizagens formadoras, (auto)formadoras e transformadoras do sujeito fundamentais no processo de construção de si, da sua profissionalidade e dos múltiplos contextos axiológicos, ontológicos e históricos de uma história que vai compondo o tecido da vida, experiência e formação.

## Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisa-formação

A defesa dessa abordagem da pesquisa narrativa como produtora de aprendizagens de si, do meio, da cultura e da construção do conhecimento na pesquisa científica se dá na tessitura de uma *aprendizagem narrativa* pelo fato de que:

Atualmente consideramos esse tipo de aprendizagem narrativa como basilar para a maneira pela qual as pessoas aprendem ao longo da vida, e necessitamos de uma forma diferente de pesquisa e de elaboração para compreender esse tipo de aprendizagem como oposto aos modos mais tradicionais de aprendizagem formal e informal (GOODSON, 2019, p.282).

A proposta desse texto surgiu por intermédio da *pesquisa-formação* de doutorado em educação que se encontra em desenvolvimento pelo primeiro autor do presente escrito na Unicamp, tendo a segunda autora como orientadora, e que trouxe a participação no Ciclope de outras tantas pessoas de várias instituições e partes do Brasil, como dos estados de/do: Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Pará, Rondônia, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina e a participação de duas docentes pesquisadoras de outro país, Portugal.

Os encontros aconteceram entre os meses de abril a outubro de 2020, as quintas-feiras, semanalmente, das 15:00h às 17:00h por meio da plataforma digital *Google Hangouts*, no qual, iniciávamos com a leitura de narrativas (auto)biográficas dos participantes que nos enviavam anteriormente por e-mail, tecíamos reflexões e compartilhávamos emoções, sensibilidades e afetos pelo que o outro narrava e nos fazia lembrar de nós próprios e dos inúmeros contextos que já tivemos em diferentes *espaçostempos* da vida, experiência e formação ao longo das trajetórias percorridas por cada um. E assim, produzíamos outra narrativa em diálogo com a pessoa que nos enviava a sua narrativa e compartilhávamos com ela a narrativa para que pudéssemos ler ambos os escritos no dia do encontro coletivamente.

Foi com essas narrativas compartilhadas pelos sujeitos participantes do grupo que criamos, que foi possível compreender os vários níveis de encontro consigo e com o outro, permitindo, assim, construirmos experiências potenciais de afetos, conhecimentos e aprendizagens, mesmo que de forma virtual coletivamente com quem conosco partilhou o que pensava, fazia e refletia narrativamente de forma escrita e até por meio de conversas que fomos praticando nos encontros quando aconteciam. Sendo assim:

A abordagem da pesquisa narrativa, quando mobilizada em um contexto de formação, visa a gerar efeitos de compreensão para o narrador que produz a narrativa e para os membros envolvidos no dispositivo de histórias de vida em

formação, que experimentam a expressão e a recepção da história de si próprios (BRETON, 2020, p.1152).

Estes cruzados tridimensionalmente, permitiram fazer com que pudéssemos construir os conhecimentos que aqui estão materializados.

Em relação aos sujeitos que participaram da *pesquisaformação*, selecionamos 05 (cinco) ao todo, que foram designados pelo seu próprio nome, por terem feito essa escolha e, então, autorizaram-nos o seu uso: Fabíola, Ingrid, Joelson, Noraneide e Sandra. Além do mais, os/as mesmos/as autorizaram o uso de suas escritas narrativas por escrito para o presente texto.

O diário de pesquisa foi o recurso metodológico em que fomos registrando, durante os encontros do Ciclope, as experiências e fatos que julgamos mais importantes e que tinham um poder de implicação em nós, ou seja, o que mais nos chamava a atenção e deixava marcas fundamentais para tecer outras tantas aprendizagens e reflexões formadoras.

Sobre a memória (auto)biográfica, refletimos que acabamos nos lembrando de acontecimentos que foram praticados pelos encontros do Ciclope, que se efetuaram no plano de uma recuperação do vivido e experienciado pela narrativa, porém, com a singularidade do presente de quem se lembra. Desse modo, reforçamos que “[...] lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa. O verbo ‘lembrar-se’ faz par com o substantivo ‘lembrança’. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é ‘exercitada’”. (RICOEUR, 2007, p.71).

Já as narrativas escritas foram tanto dos participantes do Ciclope que nos enviaram por e-mail ao longo dos meses em que aconteceu o ciclo de estudos, quanto as que íamos produzindo em diferentes momentos e fruto do que lembrávamos, provocando assim, exercício da memória (auto)biográfica, para registrar as experiências substanciais que tivemos, e que não podia ficar apenas no plano da memória, e sim, materializados por escrito, como a que produzimos neste texto.

Para realizar o processo de compreensão e interpretação das fontes narrativas dos sujeitos participantes da *pesquisaformação*, nos fundamentamos no *círculo hermenêutico da narrativa e temporalidade* de Paul Ricoeur (2010), buscando situar os acontecimentos que foram se processando em diferentes perspectivas situando o tempo com que foram

*Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisaformação*  
produzidas as narrativas e suas respectivas implicações formativas e transformadoras. Nesse sentido, no âmbito da pesquisa narrativa (auto)biográfica, corroboramos com a reflexão de que “[...] a compreensão – mesmo a compreensão de um outro singular na vida cotidiana – nunca é uma intuição direta e sim uma reconstrução” (RICOEUR, 2010, p.161).

É por meio das narrativas (auto)biográficas produzidas pelos/as professores/as participantes do Ciclope que fomos tecendo outras tantas compreensões e interpretações do vivido e experienciado em diferentes tempos e espaços de sua existência, reconstruindo, no tempo presente o que nos fora compartilhado narrativamente, como poderemos ver a seguir.

### **Potencialidades das narrativas de *pesquisaformação* na tessitura de conhecimentos, afetos e aprendizagens**

Há diferentes modos e possibilidades de aprender, construir conhecimentos e compartilhar afetos e aprendizagens no contexto das relações humanas na sociedade.

Tomando por princípio o uso das narrativas (auto)biográficas materializadas pelas escritas de si em diálogo com o outro, tem sido o meio privilegiado que temos utilizado nesse período da pandemia que vem acontecendo entre os anos 2020 e 2021, e com o qual temos compartilhado com professores/as pesquisadores/as narradores/as no meio virtual.

Assim, apresentamos neste texto, alguns trechos de narrativas (auto)biográficas que foram produzidas por professores/as e compartilhadas via e-mail, lidas nos encontros que promovemos virtualmente e que provocaram inúmeras possibilidades de construção de conhecimentos de forma coletiva, além de suscitar um conjunto de outras dimensões do sentido, vivido e experienciado, revelados por meio de emoções, sensibilidades, afetos e demais perspectivas, ultrapassando, assim, as lógicas de um modelo racional de aprender e construir conhecimento científico.

Algumas narrativas são apresentadas em forma de diálogo, em que situa a conversa entre dois participantes do Ciclope, revelando suas potencialidades formativas e reflexivas dos percursos de *pesquisaformação* aos quais foram realizados os encontros virtuais.

Uma das conversas narrativas, mostra os níveis de implicação dos sujeitos no processo de construção da narrativa, indicando suas sensibilidades e emoções, em articulação com as reflexões que teceram os sujeitos do diálogo estabelecido com o outro durante os encontros do Ciclope. Vejamos o que dizem as narrativas a seguir acerca dessas relações intersubjetivas compartilhadas coletivamente:



*Antes de iniciar minha escrita passei dias pensando por onde começar. Habitava em mim um sentimento de medo. Medo, sim! Talvez o medo que me dominava centrava-se no julgamento que poderia vir do outro. Aos poucos fui lembrando que aqui, neste espaço de encontro onde as trocas de experiências e aprendizagens são maiores que qualquer outra coisa, não reside lugar para o julgamento.*

*Por fim, preciso relatar a vocês que essa é minha primeira vez. Sim, primeira vez que escrevo algo sobre mim. Do que penso, do que sinto. Orgulho por ter conseguido escrever essas poucas linhas e grata por ter adquirido tanto conhecimento nesse curto espaço de tempo. Aqui findo com o coração apertado, por saber que minha quinta-feira não será mais a mesma, ficará a saudade dos estudos e de ouvir os colegas ciclopeanos<sup>vi</sup>. O conforto, vem em saber que 2021 temos encontro marcado. (Narrativa da professora Sandra, 24/setembro/2020).*

*Abro meu e-mail e de repente o que vejo: UMA NARRATIVA. Mas foi uma daquelas que mexe e provoca reações imediatas durante o próprio ato de leitura. Pois é, foi assim que eu me senti Sandra. Fiquei super animado e feliz por receber sua narrativa, e já fiquei também tão entusiasmado que quando fui ler, me debruço com as emoções que transbordam em meus olhos por lágrimas e risos juntos e misturados.*

*Incrível a capacidade de interioridade exalada na escrita como você fez em sua narrativa. E ainda diz que é a primeira vez que conseguiu falar algo de si, de dentro, assim, de modo bem pessoal? Nossa, me deparei com uma narradora sensível, altamente reflexiva e crítica de si própria e dos percursos de aprendizagem e (auto)formação como consegui identificar e perceber em suas emoções que me provocou outras mais (Narrativa do professor Joelson, 24/setembro/2020).*

O diálogo narrativo estabelecido entre os/as professores/as pesquisadores/as narradores apresentados, mostra o quão significativo foi ter experienciado os encontros formativos propiciados virtualmente nas quintas-feiras, ultrapassando as lógicas de um modo de aprender, refletir e revelar de si em interações com o outro. Além do mais, notamos que, na escrita narrativa, muitas sensibilidades são reveladas pelos sujeitos, sobretudo, quando passam a estabelecer relações de construção, leitura e compartilhamento de suas narrativas (auto)biográficas como foi desenvolvido pelos encontros do Cíclope.

Notamos, ainda, que cada um se percebe em um jogo de aprendizagem e construção de conhecimentos, suscitados, inclusive, pelas sensações e emoções que os atravessam em uma respectiva temporalidade mobilizadora de diferentes intensidades,

*Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisaformação*  
valores, ideias e reflexões que permeiam as compreensões dos sujeitos, produzindo, assim subjetividades, por uma escrita que é singular e peculiar de cada docente.

Convém, assim, pontuar a assertiva de que nos provoca a pensar Ricoeur (2010, p.133) refletindo o fato de “[...] porque estamos no mundo e somos afetados por situações tentamos nos orientar nele pela compreensão e temos algo a dizer, uma experiência para trazer para a linguagem e para compartilhar”.

Tal como compartilhamos coletivamente nos encontros virtuais do Ciclope as narrativas de uma *pesquisaformação* em experiências partilhadas, expressam linguagens de universos simbólico-existenciais que cada docente foi tecendo em seu cotidiano, entrelaçando um conjunto de contextos, entendimentos e expressões de seu mundo linguístico, mas acima de tudo, de dimensões da sensibilidade e emoção, narrando o que mais lhe implicou dos encontros que revelam afetos materializados pela escrita narrativa e as expectativas que trazem um alento, anseio e desejos que movimentam os sujeitos em suas subjetividades e singularidades.

Noutra experiência narrativa, a professora apresenta entendimentos que teve, colocando-se como sujeito protagonista capaz de se transformar pelo conjunto de dinâmicas que o ciclo de estudos propiciou, entre as leituras, reflexões e as escritas narrativas dos participantes ao longo dos itinerários percorridos da *pesquisaformação*. O tema do conhecimento mostrou-se carregado de significados substanciais da aprendizagem e construção da pesquisa científica, como evidencia a docente em sua narrativa:

*Visualizamos, contudo, uma relação de conhecimentos significativos relativos à pesquisa científica, tendo como suporte principal o diálogo, os modos, o compromisso ético imbricado na postura do mediador (Joelson), da importância incitada na interação do grupo, de tal forma que isto nos propiciou a riqueza de conhecimentos ancorados na epistemologia da complexidade (Morin, 2010), isso implicou uma visibilidade concreta em nossos estudos científicos. (Narrativa da professora Noraneide, 17/setembro/2020).*

Ao situar a *Epistemologia da Complexidade*, amparada nas contribuições de Edgar Morin, uma das propostas que fizemos e compartilhamos com os participantes do Ciclope, a narradora compreende a importância dos debates para a construção de conhecimentos científicos. Sendo tecido coletivamente durante o encontro programado no dia para ampliar o leque de reflexões da leitura realizada de um texto do autor, a articulação com as

narrativas escritas, propiciaram reflexões e entendimentos dos sujeitos participantes do estudo, como indicado por Noraneide.

Queremos salientar ainda, que, quando o sujeito se lança a um universo de outras possibilidades, como as que foram constituídas de estudos, debates, reflexões, construção e leituras de narrativas (auto)biográficas como as produzidas nos encontros do Ciclope, consegue, inclusive, se situar do ponto de vista de sua experiência, como a refletida pela narrativa de Noraneide, que está desenvolvendo uma pesquisa de doutorado em educação, conforme compartilhada por ela também em diálogos durante os encontros.

A esse respeito, podemos invocar o pensamento complexo para situar nossas reflexões que bem representa essa narrativa e a tessitura do conhecimento que estamos produzindo, qual seja, a de que:

Um conhecimento não é mais pertinente porque contém um número maior de informações, ou porque é organizado de forma mais rigorosa possível sob uma forma matemática; ele é pertinente se souber situar-se em seu contexto e, mais além, no conjunto ao qual está vinculado (MORIN, 2013, p.197).

Na narrativa (auto)biográfica é possível situar o sujeito a partir de uma reflexão acerca de si mesmo (subjetividade), articulando-se com suas compreensões acerca do que está fazendo (experiência) e o que vem construindo desse processo dialógico (construção de conhecimentos), e que pode ressignificar o seu saber, fazer e pensar (aprendizagem).

Diante do exposto, refletimos que o trabalho de compreensão e interpretação nos propicia fazer pelas escritas narrativas de formação, com o propósito de que:

[...] esse trabalho de reflexão a partir da narrativa de formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mudanças sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (JOSSO, 2007, p.414).

Assim, praticamos uma pluralidade de reflexões em tessituras narrativas da experiência seja ela pessoal, profissional ou existencial em que revelamos muitos de nós, do que sentimos e pensamos, além de projetos e sonhos que muitas vezes por meio de outras linguagens não seria possível tecer, mas que pela narrativa é possível materializar.

Uma das narrativas elaborada e compartilhada por uma professora participante do Ciclope, revela a pluralidade de percepções, entendimentos e experiências que tem e teve de si e diante dos itinerários trilhados por ela, em um jogo simbólico, mas ao mesmo tempo,

Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisa-formação potencializador de emoções e conhecimentos construídos que foi provocado ao lembrar em suas narrativas, conforme pontuou:

*Quando consigo me reconhecer e minha compreensão me leva a reviver em minha memória experiências e práticas que vivi e naquele momento eu não tinha consciência dessa potencialidade narrativa que os acontecimentos carregam. É como se eu os vivesse, e eles se encerrassem ali, naquele tempo, naquele lugar. Hoje, estou aprendendo, que esse tempo nos acompanha e se relaciona com o presente. A narrativa dá conta dessa relação quando volto o olhar para minhas práticas e experiências vividas no passado e elas ganham novo sentido quando as narro. Será que é isso mesmo? Ao fazê-lo, percebo que nada do que fiz, foi sozinha, foi uma tessitura de mãos e sujeitos envolvidos com suas histórias, memórias e territórios sagrados, e naquele momento eu não conseguia articular todas essas fontes que brotam narrativas, que produzem conhecimento, porque é exigido de nós, professores e alunos, o peso do rigor científico, e nesse processo não encontramos espaço para nossas histórias, vou me formando achando que estou evoluindo, me apropriando da ciência erudita, dizendo aos meus alunos que eles tem que citar o máximo de autores em seus relatórios de pesquisa, que cada palavra que eles dizem precisa estar fundamentada, e sem isso, eles não dizem nada, isso é que vai tornar o conhecimento deles científico... E descubro que o mais importante está ficando em segundo plano, esquecido, silenciado, reprimido, sufocado, sua condição de sujeito. (Narrativa da professora Fabíola, 12/agosto/2020).*

Na narrativa se imbricam diferentes mundos partilhados e experienciados pela docente, e com os quais se articulam em diferentes espaçotempos de sua existência, atualizando no presente as experiências que teve no passado, e as expectativas que projetam no futuro.

Invocando essas três temporalidades, pensamos no que reflete Paul Ricoeur (2010) ao trazer o *tríplo presente*, em que na escrita narrativa o sujeito é possível situar, e que se dão nas seguintes dimensões: o presente do passado (mobilizado pela memória), o presente do presente (mobilizado pela intuição) e o presente do futuro (mobilizado pela expectativa).

São potencialmente significativas as narrativas da experiência do sujeito, pois, por meio desta, diferentes universos existenciais se cruzam numa mesma narrativa, praticando, assim, uma reflexividade (auto)biográfica que se consolida por uma tomada de consciência dos percursos trilhados, efetuando, assim, os princípios de uma *pesquisa-formação*, a qual estamos produzindo em nosso cotidiano profissional da pesquisa científica.

Tal como assinala Josso (2010, 38) em *Experiências de vida e formação*, “[...] a perspectiva que favorece a construção de uma narrativa emerge do embate paradoxal entre

o passado e o futuro em favor do questionamento presente”, o que nos mobiliza a pensar na pluralidade de tempos que é capaz de ser evocada em uma mesma narrativa pelo sujeito, a depender de suas memórias e das experiências marcantes que mais o movimentam e produzem uma afetação para poder emergir em sua escrita narrativa.

Para além de uma racionalidade técnica e instrumental muito preconizada e praticada no âmbito de uma ciência hegemônica e positivista, percebemos outras dimensões enriquecedoras da elaboração das narrativas (auto)biográficas, qual seja, o componente da sensibilidade, das emoções e afetos produzidos pela escrita que põe o sujeito em produção de si como tessitura de subjetividades, e a engenhosa capacidade de pensar sobre si em diálogo com a experiência, com os contextos trilhados, e com os diferentes tempos que foi produzindo a vida, a formação e o desenvolvimento profissional da docência, como conseguiu recuperar no plano da memória evocada por Fabíola em sua narrativa expressa.

Dando continuidade a proposta da *pesquisaformação*, como processos de transformação e formação de si em diálogo com o outro, encontramos uma conversa que produziu fortes afetações e produção de conhecimentos pelos sujeitos envolvidos na trama da escrita narrativa.

O sentido de polifonia se fez presente, a partir do momento que situou uma professora da Educação Básica, participando do Ciclope, que anteriormente havia se engajado em uma *pesquisaformação* de mestrado em educação no estado do Rio de Janeiro, como participante do estudo, e que compartilhou suas experiências narrativamente, praticando, assim, uma reflexividade (auto)biográfica que mediou pela tomada de consciência dela pela escrita. Vejamos o que assinalou a docente em diálogo produzido com o coordenador do Ciclope:

*Ouvindo os colegas dos grupos de pesquisa falando, questionando e refletindo, fiquei a pensar...*

*As narrativas aproximam o pesquisador ao que está sendo pesquisado.*

*Participando de uma pesquisa narrativa eu fui ouvida, me senti próxima e não apenas dentro da pesquisa. Isso nos faz importante, uma importância que achamos não ter diante da universidade, que é um lugar de pessoas muito inteligentes. Qual seria a significância do saber do professor diante dos saberes da universidade?*

*Pesquisa do cotidiano<sup>vii</sup>... Depois que a conheci entendi. (Narrativa da professora Ingrid, 06/julho/2020).*

## Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisa-formação

*Acredito que fizemos um agenciamento de subjetividades como elucida Deleuze (2012) em Empirismo e Subjetividade, dando vida, cor, sentido e criatividade a nossa existência, tecida por meio de narrativas, em que cada um passou a imprimir a sua criação, os seus saberes, o seu universo, o que há dentro de si e que juntos pode ser muito mais.*

*A palavra emerge do professor, o pesquisador se afeta, os dois se transformam e o universo de ambos passa a não ser mais o mesmo, pois juntos se transformam, se deleitam e fazem a vida, a educação e a pesquisa-formação acontecer, desenvolver, avançar... (Narrativa do professor Joelson, 27/agosto/2020).*

Pela narrativa, o sujeito imprime processos de singularização os quais caracterizam um modo peculiar e que lhe é próprio de narrar a sua experiência.

Quando o sujeito passa a refletir acerca dos diferentes acontecimentos que se processaram em sua existência, o que vem na memória são aqueles acontecimentos que mais produziram um significado e implicação em si, como marcas deixadas que vão o acompanhando em momentos que passam a praticar a reflexividade em função do que está envolvido na dinâmica de pensar o vivido/praticado/experimentado.

O cotidiano como perspectiva *teoricoepistemológica*, política e metodológica tem implicado e mexido com a professora Ingrid, tanto que se sente contemplada e afetada positivamente pelas aprendizagens e construção do conhecimento produzido em seus entrelaçamentos da experiência e de pesquisar/narrar a própria prática em diálogo com o outro. Assim, cabe ressaltar que o cotidiano aqui é entendido “[...] como *espaçotempo* rico de criações, reinvenções e ações, de tessitura de relações sociais e de redes de conhecimentos e valores” (OLIVEIRA, 2012, p.53), os quais dão legitimidade aos próprios saberes e fazeres mobilizadores pelos/as professores/as praticantes do cotidiano, contribuindo, assim na *tessitura cotidiana da emancipação social* (SANTOS, 2010).

No diálogo narrativo estabelecido acima, notamos as trocas intersubjetivas pelas escritas narrativas que os/as professores/as foram dialogando, produzindo outros tantos de si e fruto da conversa estabelecida com o outro.

O conceito de *exotopia* (BAKHTIN, 2017) pode nos ajudar a pensar que o outro passa a nos ver com determinadas percepções, entendimentos e reflexões que fazem de nós, que muitas vezes pode não ser o que pensamos de nós próprios. Assim, acabamos saindo de uma zona de conforto, que nos mostram outras tessituras de subjetividades que vão compondo-se coletivamente. Mas para que isso aconteça, precisamos “sair de nós mesmos” no sentido de desalojar-nos de um modelo ou perfil de ser, fazer e estar, para os olhos de

quem nos ver, o que nesse caso, se dá no diálogo narrativo (auto)biográfico tramado coletivamente entre pares, como pudemos experienciar essa dinâmica potencial e transformadora, a partir das narrativas de Ingrid e Joelson, apresentadas antes.

As narrativas (auto)biográficas partem do universo subjetivo e se tecem mediante relatos de experiências vividas pelos sujeitos, revelam dimensões sensíveis, tocantes e promotoras de emoções, afetos e transbordamentos. Nas narrativas compartilhadas de Ingrid e Joelson, é possível perceber essas outras racionalidades, o que Bragança (2012, p.30) vai chamar de uma “[...] epistemologia mais sensível que acolha as múltiplas dimensões que envolvem a construção dos saberes e da própria vida” tanto quanto Benjamin (2012, p.240) defende essa sensibilidade da narração ao assinalar que “[...] o narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida”.

Com base nessas experiências narrativas de *pesquisaformação* tecidas em um contexto conflituoso e de crise sanitária como da pandemia em que estamos enfrentando, abrimos possibilidades na construção de sentidos à nossa existência, e a outros modos de aprender, conhecer e compartilhar saberes e afetos, emoções e sensibilidades, aprendizagens e transformações das mais diversas perspectivas, fundamental para o estabelecimento de uma sintonia consigo próprio e com os outros que passamos a nos enlaçar nos encontros coletivos virtuais.

A potencialidade da prática de uma reflexão no contexto da experiência profissional desenvolvida por professores/as no seu cotidiano, revela-se importante para aprimorar os saberes experienciais, e sua prática pedagógica em diferentes perspectivas e dimensões da profissão.

Tanto é relevante, que, quanto mais pensamos em movimento no que vamos fazer, no que estamos fazendo ou no que fizemos, temos a possibilidade de ressignificar e mesmo identificar lacunas que por ventura a ausência do pensar não nos seria possível de promover e melhorar. A esse respeito, ressaltamos, à luz de uma reflexividade (auto)biográfica que:

[...] os professores que refletem a respeito de suas experiências e as lições aprendidas na docência, que tiveram a possibilidade de refletir sobre a docência com seus pares, seriam mais suscetíveis de responder a situações difíceis e/ou imprevistas com maior segurança por ter aprendido a melhor se compreender em situações de risco e a sair delas (PASSEGGI, 2016, p.83).

## *Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisa-formação*

Assim, praticar a reflexão, é, pois, uma das mais significativas atividades promovidas pela ação humana e com a qual faz toda a diferença na vida, experiência e *pesquisa-formação* que esteja engajado o/a professor/a pesquisador/a narrador/a.

Com a reflexão, podemos empreender outras tantas possibilidades criativas, formadoras e transformadoras de si, do outro e do meio à nossa volta, capaz de dá sentido à muito do que pensamos, fazemos e estamos perspectivando, e com o qual, as chances de sucesso do que idealizamos ou desejamos nos lançar, são infinitamente maiores do que com a ausência dessa dimensão potencial e transformadora, e que por meio das narrativas (auto)biográficas essa prática se torna possível consolidar na existência do sujeito.

Refletir, produzir e compartilhar narrativas (auto)biográficas no meio virtual, é também um modo de darmos continuidade à um convívio que nos alimenta como seres humanos, já que os processos de socialização e aprendizagem na cultura são atributos de nossa espécie, e que o isolamento provocou essa ruptura, e vem nos causando desconfortos e impactos que se complexificam à medida em que mais tempo ficamos confinados sem a presença do outro em nossas vidas, em um mesmo *espaçotempo* do vivido.

O diferencial promovido pelos encontros e outros momentos criados pelo Ciclope, neste período da pandemia foi fruto da(s): 1) capacidade de envolver vários/as professores/as pesquisadores/as de várias partes e instituições do Brasil em um mesmo grupo com uma finalidade comum, de se formar, aprender e produzir conhecimentos e narrativas; 2) leituras, debates e reflexões propiciadas pelos textos que tinham alguma afinidade ou mesmo situados na corrente da pesquisa narrativa (auto)biográfica; 3) elaboração, envio por e-mail e compartilhamento coletivo de narrativas (auto)biográficas entre coordenador e sujeitos participantes do grupo em diálogo permanente; 4) a produção, leitura e reflexão de narrativas pelos participantes do grupo; e, 5) presença das dimensões da sensibilidade, afetos, emoções e reflexividade (auto)biográfica com perspectivas transformadoras e caracterizadas pela tomada de consciências nas narrativas escritas produzidas.

Trazer as narrativas (auto)biográficas como dispositivo reflexivo e de tomada de consciência do sujeito nos vários contextos de tessitura de subjetividades e de promoção de outras linguagens experienciais do vivido, sentido e revelado e com a qual compõe a



inteireza da vida, formação e aprendizagem do sujeito, reside sua dimensão potencializadora, transformadora e emancipatória.

Reforçamos, portanto, que as narrativas (auto)biográficas escritas por professores/as pesquisadores/as narradores/as, tem sido um meio privilegiado e significativo de formação, aprendizagem e construção do conhecimento como uma possibilidade importante em que se praticam afetos, emoções e sensibilidades tão importantes nesses tempos em que o lado humano tem ficado aquém pela supervalorização do capital e da política econômica hegemônica que vem dominando o mundo sem precedentes.

Por isso, corroboramos com Benjamin (2012, p.213) quando assertivamente reflete que “[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, mas que no Ciclope, pudemos praticar essa tão nobre arte da narração, possibilitando outras tantas reflexões, aprendizagens e construção de conhecimentos com os quais não havia nos lançado anteriormente numa aventura tão engenhosa, prazerosa e promotora de múltiplas sensibilidades e transformações substanciais em nossa vida e formação.

#### **À guisa de conclusão**

Uma palavra de carinho, uma expressão de afetuosidade, uma felicitação pela aprendizagem e conhecimento construído... Assim tem revelado as narrativas de *pesquisafomação* com que tem sido tecidas pelos participantes do Ciclope por meio dos encontros coletivos virtuais.

Assim, uma reflexão indagadora se apresenta para refletirmos no momento: Que razões temos para produzir narrativas e compartilhá-las em encontros virtuais em um momento caracterizado pela pandemia que estamos enfrentando no mundo atualmente?

Nossa resposta, a partir do texto apresentado é: Temos todas as razões, e emoções, possíveis, tendo em vista, que fomos bloqueados do convívio social, do contato com as pessoas, do toque, abraços, beijos e outras sensações, práticas e relações intersubjetivas que pudéssemos estabelecer com tantos sujeitos que partilham e fazem parte de nossa experiência, aprendizagem e *pesquisafomação*.

Estar presente com muitos outros dos quais conosco partilham o cotidiano de nossa existência nesse período de pandemia, no contexto de uma dinâmica de produção de narrativas (auto)biográficas, tem o efeito de, muitas vezes, suspendermos nosso cotidiano dos percalços e impactos que tenham por ventura se feito presente em nosso plano

Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma pesquisa formação emocional pelos acontecimentos propiciados por essa crise e outras tantas operacionalizadas no Brasil, principalmente.

Em suma, ao voltar no objetivo que propomos no início desse texto, compreendemos que as aprendizagens, afetos e conhecimentos científicos compartilhados em experiências de escritas narrativas (auto)biográficas em uma pesquisa formação se constituem por processos de reflexividade produzidos pelos sujeitos em suas escritas, bem como pela interpretação e compreensão que o outro revela em diálogo conosco, trazendo uma palavra de carinho, gestos e comportamentos como risos, elogios, emoções e outras tantas dimensões em que se realizam no diálogo tecido coletivamente pelas leituras das narrativas escritas compartilhadas nos encontros.

Que possamos fazer dos momentos difíceis, emblemáticos e tensos, como este da pandemia da Covid-19 uma via indispensável de encontro consigo e com o outro mediatizados pelas escritas narrativas (auto)biográficas que dão centralidade ao sujeito como ator, autor e narrador de suas próprias histórias, de sua existência e do que poderá emergir nos vários contextos e com as pessoas, por onde e com quem estabelecemos relações de intensa partilha.

### Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação. n.23, Rio de Janeiro, Maio/Agosto. 2003. p.62-74. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sci_arttext)>.

Acesso em: 08 jan. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 3ªed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012. P.213-240.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788575114698>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

BRETON, Hervé. Pesquisa narrativa: entre descrição da experiência vivida e configuração biográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 178, p. 1138-1158, out./dez. 2020. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/7185/pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2021.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3, (63), p.413-438, set./dez., 2007. Disponível em: <[https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v.41, n.1, p.67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. vol.1. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

## Notas

<sup>i</sup> O uso de duas ou mais palavras juntas é um modo de produzirmos outros significados, rompendo com o modelo clássico de ciência. Adotamos essa escolha política e *teoricometodológica* a partir dos estudos nos/dos/com os cotidianos com quem aprendemos com Nilda Alves (2003). O uso de duas ou mais palavras juntas nesse formato e em itálico aparecerão nesse texto com esse sentido.

<sup>ii</sup> De acordo com Josso (2010, p.47) “[...] para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades”. Foi assim que concebemos o desenvolvimento da *pesquisaformação* que trazemos como relato de experiência nesse texto.

<sup>iii</sup> Coordenado pelo terceiro autor desse texto, Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

<sup>iv</sup> Estamos compreendendo a reflexividade (auto)biográfica a partir das contribuições de Passeggi (2016, p.78) segundo a qual nos revela que esta é “[...] uma disposição da criança, jovem ou adulto a se voltar sobre si mesmos para explicitar o que sentem ou até mesmo perceber que fracassam na tarefa da biografização, ao reelaborarem, narrativamente, a experiência vivida”.

<sup>v</sup> Josso (2010) utiliza o termo “pesquisa-formação” separado por hífen, nós do Polifonia (UNICAMP/UERJ) primamos pelo uso da palavra-conceito destacada em itálico e junta, *pesquisa-formação*, que é um jeito próprio e singular usado em nosso grupo de pesquisa, pautados por uma perspectiva outra de escolha política e *teóricaepistemológica* de produção do conhecimento científico, dando outras significações às palavras, com quem aprendemos com os estudiosos nos/dos/com os cotidianos, conforme já salientamos na nota “i”.

<sup>vi</sup> Termo que criamos para nominar os sujeitos participantes do Ciclope.

<sup>vii</sup> A professora está se referindo à corrente de pesquisa dos estudos nos/dos/com os cotidianos, muito presente e desenvolvida por professores pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a quem comungamos e temos nos apropriado em nossas produções na construção do conhecimento científico, sobretudo, pelas contribuições de Alves (2003) e Oliveira (2012), as idealizadoras dessa corrente *teóricaepistemológica* no Brasil.

## Sobre os autores

### Joelson de Sousa Morais

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/Bolsista CAPES. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/2015) e Pedagogo pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (FACEMA/2012). É pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP) e do Grupo Interinstitucional de *Pesquisa-formação* Polifonia (UNICAMP/UERJ). Professor Substituto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. E-mail: [joelsonmorais@hotmail.com](mailto:joelsonmorais@hotmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1893-1316>.

### Inês Ferreira de Souza Bragança

Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora-Portugal, Mestre em Educação e Pedagoga pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena o Grupo Interinstitucional de *Pesquisa-formação* Polifonia, vinculado ao GEPEC (UNICAMP) e ao Vozes da Educação (FFP/UERJ). E-mail: [inesbraganca@uol.com.br](mailto:inesbraganca@uol.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>.

### Guilherme do Val Toledo Prado

Professor Livre-Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP e coordenador do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada. Graduado em Pedagogia (1987), mestre em Metodologia de Ensino (1992) e doutor em Linguística Aplicada - Ensino e Aprendizagem de Língua Materna (1999), obtidos na Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente em Educação Escolar (2015). Realizou estágio pós-doutoral pelo Departamento de Didática e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro (Portugal). E-mail: [gyptoledo@gmail.com](mailto:gyptoledo@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2415-8369>.

Recebido em: 20/04/2021

Aceito para publicação em: 12/05/2021